

## ECONOMIA



**Levantamento** de intenção de plantio da safra 98/99 realizado pela Conab revela que haverá um aumento na área de cultivo de feijão (5%), milho (12%), arroz irrigado (15%), arroz de sequeiro (de 8% a 10%), enquanto ocorrerá

uma redução de 15% no plantio da soja. De acordo com técnicos da Conab, as chuvas que castigam o Sul do País não comprometem a previsão de aumento na expansão na área de plantio de grãos para a safra 98/99.

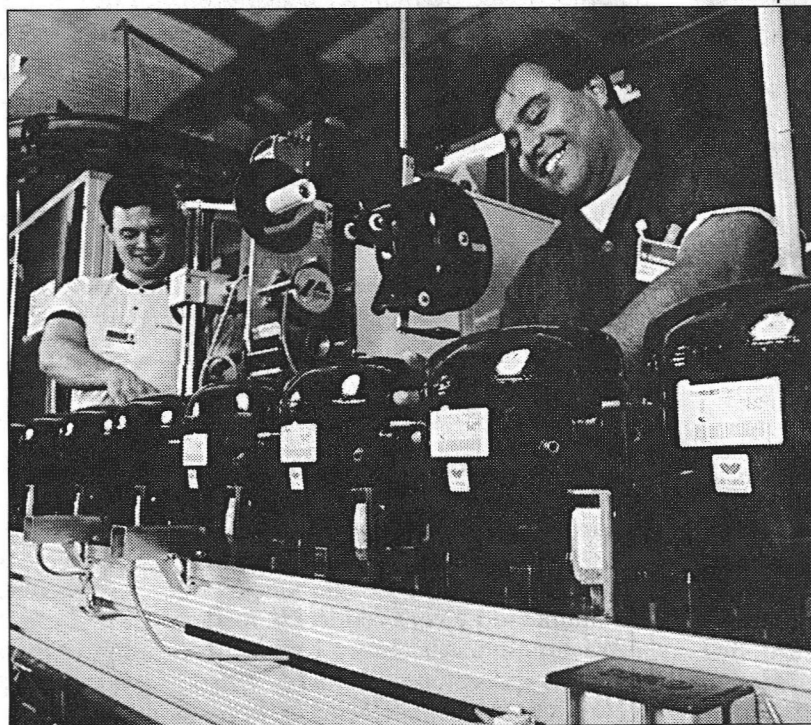
# Brasil na rota da recessão em 99

Economistas alertam para recrudescimento da economia global e prevêem tempos ruins

Desvalorização do real é consenso para que o País reequilibre as contas

**A**pós quatro anos de Plano Real e às vésperas de um segundo mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso, o Brasil pode estar caminhando para um dos piores períodos de sua história econômica. As previsões dos especialistas para 1999 são de um ano muito ruim, com desemprego, desaquecimento do consumo, retração de investimentos externos e quebra de empresas. Mas o quadro que vem sendo traçado nos últimos dois anos não retrata apenas uma pintura brasileira. No cenário internacional a situação é tão preocupante quanto a que viverá o mercado interno no próximo ano.

"O que mais me preocupa é a redução do consumo nos Estados Unidos", alerta o chefe do Departamento de Economia da Universidade de Brasília e ex-presidente do IBGE, professor Charles Curt Mueller. Segundo ele, a retração daquele mercado, caracterizando uma recessão norte-americana, terá reflexos drásticos sobre as economias emergentes. "Ainda tem gente otimista. Se não houver mais



Fotos: Arquivo

**SETOR de autopeças reduz salários e começa a demitir**

calamidades nas bolsas de valores e a economia mundial voltar a crescer teremos uma solução, caso contrário, a recessão por lá será fatal", diagnostica.

Para o economista Eduardo Gianetti, professor da Universidade de São Paulo, será muito difícil o País fugir da recessão em 99. "A perspectiva do segundo mandato é o reflexo invertido do primeiro", analisa Gianetti, lembrando a euforia do consumo, a estabilização de preços, o fim da inflação e a entrada massiva de recursos externos. "Hoje há uma incerteza no curto prazo, que é medida pela fuga de capitais". Na mesma linha de Gianetti raciocina o ex-ministro da Fazenda, Rubens Ricupero. Para ele, há sinais claros de que estamos caminhando para uma deflação. "Nos Estados Unidos, há vários meses tem havido sinais de que-

da nos preços dos produtos manufaturados. Isso é indício de deflação", observa Ricupero.

## Deflação

Na semana passada, a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), da Universidade de São Paulo (USP), alertou para o perigo de uma recessão no Brasil. A Fipe apurou, pelo quarto mês consecutivo, deflação em São Paulo, o maior mercado brasileiro. E segundo os especialistas, quando os preços começam a cair frente à redução ou estagnação do crescimento econômico, com desaquecimento de consumo, a recessão é fato incontestável.

As expectativas da indústria e do comércio são de que este será o pior Natal dos últimos quatro anos. Os pedidos de produtos para os fornecedores estão caindo. A desaceleração desse

processo pode provocar demissões nos setores de autopeças e eletroeletrônicos. A preocupação com a manutenção do emprego levou, inclusive, o Sindicato dos Bancários do Distrito Federal a fechar um acordo coletivo com reajuste zero em troca da preservação do emprego. Em São Paulo, o setor de autopeças está propondo a redução de salários para evitar o desemprego, mas já começa a demitir.

Com o consumo desaquecido, a produção desacelerada – montadoras estão programando férias coletivas para novembro e dezembro – déficit público elevado e fuga de capitais, o Brasil está na iminência de enfrentar uma crise praticamente sem precedentes. "Acho que estamos caminhando a passos largos para um 99 muito ruim. Essa deverá ser a segunda pior virada de século da história do Brasil", vaticina o economista Jorge Madeira Nogueira, professor do Departamento de Economia da UnB.

Ele cita Celso Furtado, que aponta a passagem de 1799 para 1800 como o pior período da nossa economia. "Sem café, sem ouro...". Nogueira ressalva que há muitos setores ainda com gorduras a serem queimadas, cujos preços estão sobrevalorizados principalmente na prestação de serviços, como advogados, dentistas, médicos e no setor de vestuário. "Fernando Henrique terá que fazer nos próximos quatro anos o que deveria ter feito no primeiro mandato. O argumento de que o Plano Real é uma perfeição está secando, já deu o que tinha que dar. Agora teremos que voltar à economia do dia-a-dia", argumenta.

**RODRIGO LEITÃO**

Redator de Economia do Jornal de Brasília